

29 de Setembro de 2006

Revista de Estudos Demográficos

N.º 39 - 2006

ESTUDOS DEMOGRÁFICOS

O número 39 da Revista de Estudos Demográficos integra quatro artigos:



➤ Dinâmicas escolares: um exemplo de análise transversal da escolarização em Portugal
Autor: *Mário Leston Bandeira*



➤ Liberdade de escolha, autonomia de escola e indicadores de desempenho
"If you don't have data, you're just another person with an opinion" [Andreas Schleicher (OCDE)]
Autor: *Rodrigo Eiró de Queiroz e Melo*

➤ Mobilidade internacional no Ensino superior
Autor: *Humberto Moreira*

➤ Educação e Formação: uma perspectiva de género
Autora: *Carla Silva*

O Instituto Nacional de Estatística (INE) acaba de editar o n.º 39 da **REVISTA DE ESTUDOS DEMOGRÁFICOS (RED)** que versa sobre a temática da **Educação**.

A RED tem uma longa tradição na divulgação de estudos demográficos em Portugal. O primeiro número foi editado em Junho de 1945 e, desde então, tornou-se num pólo de referência para a divulgação de estudos que procuram caracterizar as principais linhas de evolução da situação demográfica nacional e o seu enquadramento na situação internacional.

Reeditada em 2002, após alguns anos de interrupção, a RED tem, desde então, uma periodicidade semestral, sendo um número temático e outro generalista. Com o presente número divulgam-se 4 artigos cujos resumos se apresentam em seguida:

DINÂMICAS ESCOLARES: UM EXEMPLO DE ANÁLISE TRANSVERSAL DA ESCOLARIZAÇÃO EM PORTUGAL

O conjunto de movimentos que ocorrem no seio das populações escolares, aqui designados por fenómenos escolares, podem ser medidos e analisados mediante conceitos, métodos de medida e princípios idênticos aos que a análise demográfica define para o estudo dos fenómenos demográficos.

Mas existem especificidades dos fenómenos escolares que apelam a soluções metodológicas próprias da demografia escolar. Uma dessas especificidades é a distinção que deve ser feita entre escolarização e escolaridade. A escolarização refere-se ao acto formal e individual da matrícula num estabelecimento de ensino,

através da qual a população escolar se renova anualmente. A escolaridade diz respeito à actividade escolar propriamente dita, a qual implica a frequência de aulas e a avaliação dos desempenhos escolares.

A análise longitudinal dos fenómenos escolares pode, tal como acontece na análise dos fenómenos demográficos, ser transposta para a análise transversal (ou de conjuntura). Essa transposição é legitimada pelo princípio da coorte fictícia. Mas o princípio da coorte fictícia é inaplicável ao estudo da escolaridade, nos moldes em que este estudo é realizado a partir do método dos diagramas de fluxos escolares.

São apresentados métodos de análise transversal da escolarização, exemplificados com a análise da escolarização no Continente, entre 6 e 25 anos exactos, do 1º ano do ensino básico ao 12º ano do ensino secundário, durante o ano lectivo de 2001-02.

Na parte final, são referidos os indicadores possíveis de uma análise transversal da escolaridade, aplicados ao ano de 2002-03.

O objectivo deste texto metodológico é principalmente contribuir para a definição de instrumentos de medida inspirados na análise demográfica, de que resultem indicadores fiáveis e úteis à compreensão dos fenómenos escolares e do sucesso e insucesso escolares.

LIBERDADE DE ESCOLHA, AUTONOMIA DE ESCOLA E INDICADORES DE DESEMPENHO

"If you don't have data, you're just another person with an opinion"^[1]

No presente artigo partimos da reflexão sobre a liberdade de escolha de escola e a autonomia escolar para o debate sobre a importância dos indicadores de desempenho em educação. Defendemos que os indicadores de desempenho escolar devem servir uma tripla função de: informar, responsabilizar e melhorar. Informar os pais para os auxiliar na sua escolha, responsabilizar a escola pelos seus resultados e melhorar o desempenho de todo o sistema. Aborda-se ainda a questão das notas em pauta como indicador de desempenho escolar e apresenta-se um estudo quantitativo sobre as relações entre as notas dos alunos portugueses nos exames do 12.º ano e diferentes características das suas escolas.

MOBILIDADE INTERNACIONAL NO ENSINO SUPERIOR

Nos últimos anos tem-se vindo a registar um aumento gradual da mobilidade internacional de alunos do ensino superior. Esta tendência de se procurar no estrangeiro novas oportunidades de ensino e de sistemas educativos mais desenvolvidos é uma realidade dos nossos dias à escala mundial, embora com alguns condicionalismos dependentes do grau de abertura das sociedades e Estados.

O presente artigo pretende dar uma panorâmica sobre a dimensão desta nova realidade internacional, no que se refere aos países de nacionalidade dos alunos, aos países de acolhimento, onde se situam os estabelecimentos de ensino superior, bem como à sua representatividade em termos de volume, estrutura e respectiva evolução. Esta panorâmica encontra-se desenvolvida em três níveis: mundial, comunitário e nacional, com algum detalhe relativamente a nacionalidades, sexo e níveis do ensino superior.

¹ Andreas Schleicher (OCDE)

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO: UMA PERSPECTIVA DE GÉNERO

O presente estudo pretende fazer um enquadramento geral do sistema educativo português, nomeadamente da medida aprendizagem, sobretudo dirigida aos jovens, e da sua importância no mercado de emprego. Estudam-se o abandono e as saídas precoces do sistema educativo bem como as taxas de retenção.

Analisa-se a evolução da população escolar no Continente, bem como alguns indicadores sobre educação e formação, ressaltando as disparidades por género.

As fontes utilizadas para o presente estudo foram os Recenseamentos Gerais da População 1991 e 2001, as estatísticas da Educação e uma análise exploratória do Relatório anual sobre os processos de integração no mercado de trabalho dos utentes que participaram na aprendizagem no ano de 2004 elaborado pelo IEFP.